5 Considerações sobre os resultados da análise

Como abordado no capítulo de fundamentação teórica, no qual foram revisados conceitos como os de cultura, identidade e construção de sentido, sabemos o quão complexa é a matéria com a qual estamos lidando. Além disso, os estudos de percepção, de um modo geral, também apresentam reflexos da complexidade metodológica e analítica desse tipo de investigação. Contudo, podemos afirmar que tanto o embasamento encontrado na literatura revista, quanto os procedimentos adotados em nossa análise mostraram-se adequados ao fim a que nos propusemos neste estudo: a verificação, a partir da interpretação de anúncios publicitários, dos aspectos culturais manifestados em respostas de participantes provenientes de diferentes grupos culturais – alemães e brasileiros –, atentando para a relação entre as divergências de percepção e o *background* cultural dos entrevistados.

Guardado o espaço das diferenças individuais, podemos, em muitos pontos da análise, perceber uma tendência a determinados padrões de interpretação ligados a valores, atitudes, crenças e usos linguísticos dos grupos culturais envolvidos. Também é importante salientar que o trabalho com entrevistas semiestruturadas possibilitou aos participantes uma maior liberdade para expressarem suas percepções, o que contribuiu para que posicionamentos polarizados em termos de ‘sim x não’, ‘ser x não ser’ pudessem ser evitados. Ao invés disso, pudemos verificar um amplo espectro de possibilidades, observando tendências nas interpretações dos dois grupos, cujas variações de frequência e intensidade sugerem uma escala perceptiva contínua, como, por exemplo, do “muito estranho” ao “muito legal”.

Também através de nossa análise, a analogia hofstедiana, que representa os diferentes níveis de profundidade nas manifestações culturais como as camadas de uma cebola, pôde ser observada. Essa analogia (como abordada no tópico 2.3.2) diz respeito à comparação das manifestações de cultura com as camadas de uma cebola, sendo que Hofstede (1980) aponta a linguagem como a camada mais superficial, enquanto a parte mais interna da cebola seria formada pelos valores. Percebemos, então, que através da análise da linguagem, ou seja, da camada mais

externa da cebola, conseguimos chegar ao seu núcleo, isto é, aos valores compartilhados culturalmente pelos membros de cada grupo.

Discutiremos, então, a seguir, as especificidades apontadas pela análise dos dados da pesquisa.

5.1 Diversidade cultural e percepção

Este estudo partiu da hipótese central de que diferenças culturais poderiam ser evidenciadas a partir da análise da interpretação de textos multimodais realizada por membros de diferentes culturas – em nosso caso, a alemã e a brasileira. Analisando as entrevistas, pudemos perceber que, de fato, essa hipótese foi confirmada.

Na interpretação dos participantes para os fenômenos observados nos anúncios, estão presentes, em maior ou menor nível de implicitude, muitos dos aspectos e traços culturais abordados na literatura revista neste estudo, como a maior ou menor tendência à hierarquia, o maior ou menor uso do contexto no discurso e a tendência maior ou menor ao coletivismo ou ao individualismo, entre outros aspectos e traços culturais discutidos.

Ao considerarmos, por exemplo, as dimensões culturais destacadas por Hofstede, pudemos perceber diferentes valores manifestados nas falas dos dois grupos que confirmariam alguns dos pressupostos defendidos pelo autor. Assim, se considerarmos o contínuo batizado por Hofstede como “distância do poder”, referindo-se à maior ou menor escala hierárquica em uma sociedade, podemos analisar o fato de estudantes do grupo BR vincularem o uso do tratamento ‘Sie’ à mudança de nível social, como a representação desta maior “distância do poder”. Pode-se, então, inferir que tal interpretação ocorreu pelo fato de participantes deste grupo relacionarem o uso de ‘Sie’ às formas brasileiras ‘o senhor/ a senhora’, que trazem uma conotação de grande diferença de idade ou posição social. Faltou, desse modo, aos estudantes brasileiros o entendimento de que a forma ‘Sie’ pode ser considerada hierarquicamente neutra, sendo usada na sociedade alemã, geralmente, de todos para com todos (professores-alunos; chefes-empregados...), não marcando diferentes estratos sociais.

Se tomarmos por base o contínuo ‘coletivismo ↔ individualismo’, podemos confirmar os resultados de estudos que apontam a sociedade brasileira tendendo mais ao coletivismo (Branco, 2006; Souza, 2005), uma vez que podemos concluir que tal tendência contribuiu para o maior uso da construção ‘nós’, na qual os indivíduos se situam e se identificam como participantes do grupo cultural citado. Seguindo esse raciocínio, em uma cultura que tende para o lado individualista, haveria a tendência de a identidade ser relativamente mais determinada pelo indivíduo do que pelo grupo, o que poderia explicar o pouco uso do pronome ‘nós’ entre os entrevistados do grupo AL, considerando também estudos de cientistas que situam a sociedade alemã pendendo mais para o eixo individualista (Hanke, 2005; Hall, 1990; Hofstede, 1991).

Segundo Hanke (ibid), a dimensão cultural ‘coletivismo ↔ individualismo’ também interfere na forma como informações são mais ou menos explicitadas no discurso, dado que, em culturas nas quais o grupo é privilegiado, existiria a tendência a um maior compartilhamento de informações, o que faria com que muitas referências fossem consideradas como tácitas entre o grupo. De fato, verificamos que houve um maior detalhamento nas informações fornecidas pelos participantes do grupo AL, sendo observado, inclusive, que o volume nas respostas desse grupo foi bem maior que no grupo BR, para o qual alguns fenômenos, por serem considerados lógicos, já conhecidos pelos membros do grupo, sequer foram comentados.

Ferreira e Dias (2004) chamam atenção para o fato de que a dificuldade no estabelecimento de relações de significados na leitura pode causar um estado de “perturbação” no leitor. Pudemos observar esse fenômeno principalmente no que tange às interpretações do anúncio da impressora HP pelos participantes do grupo AL, visto que suscitou diferentes visões sobre o trabalho e sua relação com o ócio e bem-estar. A relação lógica estabelecida pelo grupo AL, a qual liga a posse de bens à riqueza e esta última ao “trabalho duro”, entrou em conflito com a imagem de um jovem aparentemente, segundo os mesmos entrevistados, rico, mas que por algum motivo dorme tranquilamente assistindo à sessão da tarde. Assim, uma combinação que para o grupo BR pareceu perfeita (“sono”, “chuva” e “sessão da tarde”, a imagem do jovem dormindo e essas três palavras relacionadas à multifuncional 3 em 1), causou perturbação nos entrevistados do grupo AL. Percebemos então, neste ponto, que as diferentes configurações a respeito de

valores como trabalho e riqueza influenciaram e fizeram a diferença nas interpretações do referido anúncio.

A interpretação dada pelos entrevistados do grupo AL para a mensagem “*Ab jetzt dürft ihr mich siezen*”⁵⁹ evidenciou um aspecto da linguagem não observado pelos membros do grupo BR: a ironia. Isso aconteceu porque os estudantes alemães atentaram para um detalhe que passou despercebido para os brasileiros, isto é, a personagem se utiliza da forma ‘du’ para com seus interlocutores, enquanto, ao mesmo tempo, exige dos mesmos o tratamento ‘Sie’. Nesse anúncio da revista *Jungmiss*, também chamou a atenção o modo como os diferentes grupos tenderam a interpretar de formas diferentes a expressão no rosto da personagem – para o grupo AL, feliz e, para o grupo BR, contente (uma felicidade “contida”, segundo uma das entrevistadas).

Com relação aos diferentes usos linguísticos, é importante ressaltar aspectos que podem fazer muita diferença nas interpretações, como, por exemplo, o vocativo “menina”, no anúncio Glade Amore. Aqui a divergência na percepção desse uso foi causada pelo fato de, em contexto alemão, a palavra ‘*Mädchen*’ (menina) referir-se exclusivamente a meninas até aproximadamente quinze, dezesseis anos, enquanto o vocábulo ‘menina’ pode ser usado como uma forma de tratamento em contexto brasileiro indiscriminadamente para pessoas do sexo feminino (obedecendo a regras específicas de uso)⁶⁰. Dessa forma, a expressão “menina”, como utilizada no anúncio, não foi comentada pelo grupo BR, enquanto alguns estudantes do grupo AL interpretaram como pouco convencional um texto publicitário dirigir-se tão diretamente às ‘meninas’. Nesse ponto, observamos também que os padrões de tipicidade do gênero textual publicidade foram considerados pelos estudantes alemães em sua análise, uma vez que tipicamente, em anúncios publicitários alemães, a forma preferida para dirigir-se ao receptor/ consumidor seria o tratamento ‘Sie’ (Vaz Ferreira, 2005: 53), também realizado nas formas imperativas, muito comuns no gênero anúncios. Assim, também chamaram a atenção dos participantes do grupo AL as diretivas “surpreenda”, “experimente”, dado que a forma preferida em alemão, no mesmo

⁵⁹ “A partir de agora vocês podem me tratar por ‘Sie’”.

⁶⁰ A regra para o uso da forma de tratamento ‘menina’ é dada contextualmente. Assim, principalmente em conversas bastante informais, não são raros exemplos do cotidiano em que essa expressão é usada com interlocutoras de todas as idades.

contexto, seria ‘*überraschen Sie*’⁶¹, ‘*probieren Sie*’⁶², (com a marcação do tratamento neutro de distanciamento ‘*Sie*’).

No anúncio da lavadora *Öko-Lavamat*, vimos que, além das diferentes interpretações para a manchete “*Saubär*”, principalmente em decorrência do fato de os estudantes brasileiros desconhecerem as muitas possibilidades de significados dessa expressão, o contexto cultural alemão, no qual a ecologia ocupa um lugar de destaque na sociedade, também apresentou importante peso para as divergências nas percepções. Dessa forma, a maioria dos estudantes do grupo AL destacou o teor ecologicamente ativo do anúncio e as qualidades igualmente ecológicas do produto, fato que não foi comentado pelos estudantes brasileiros.

Em suma, podemos afirmar que tanto os aspectos culturais mais diretamente relacionados a diferentes usos linguísticos como pronomes pessoais, formas de tratamento, empregos distintos de vocábulos como o verbo ‘chegar’ (comentado por um integrante do grupo AL como não usual na expressão “chegou Glade Amore”), quanto os aspectos culturais mais subjetivos, como a percepção de estados emocionais, a visão de trabalho, a auto e heteropercepção, a consciência ecológica, entre outros, puderam ser verificados através da análise das interpretações dos sujeitos da pesquisa.

5.2 Implicações para o ensino de ALE e PLE

A aquisição da competência comunicativa, inserida a competência intercultural, nunca se dará de forma completa ou perfeita, considerando-se o fato de que línguas e culturas estão em constante processo de transformação e de que em cada sociedade coexistem diferentes linguagens e diferentes culturas (Byram et al., 2002).

Assim sendo, é importante que os aprendizes estejam conscientes de que existe sempre muito mais a ser conhecido e compreendido sobre a perspectiva do outro, e que há habilidades, atitudes e valores envolvidos no uso que se faz da língua, para que uma interação intercultural se dê de forma satisfatória, evitando-se mal-entendidos. De acordo com essa perspectiva, constitui-se como objetivo primordial do ensino de LCEs que os aprendizes compreendam que fatores

⁶¹ surpreenda

socioculturais influenciam modos de pensamento, interpretações e usos linguísticos.

Partimos, então, do pressuposto de que esta compreensão da esfera linguística que circunda e permeia os elementos mais explícitos em um texto contribui, de um modo geral, para a aprendizagem global de uma língua, incluídas aí as três competências destacadas no texto do QECRL (Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas): a competência linguística, a sociocultural e a pragmática.

Para esse fim, o pesquisador Bredella (Bredella et al., 2000: 3) defende o desenvolvimento de materiais e atividades que sensibilizem os aprendizes para problemáticas como a questão da identidade, a compreensão do outro e de si mesmo, as possíveis diferenças de valores compartilhados entre o grupo da cultura de origem e cultura-alvo. A presente pesquisa demonstrou como tais diferenças de valores e percepções podem ser identificadas a partir da análise contrastiva de entrevistas feitas com participantes de grupos culturais distintos. Assim, este estudo contribui para a explicitação das “dimensões culturais ocultas”, possibilitando que aprendizes entrem em contato com elas, o que, segundo Hall (1990), promoveria um encontro cultural negociativo, fazendo com que o “outro” pudesse tornar-se mais próximo, ou seja, menos “outro”.

Este estudo também contribui para a disponibilização de dados, que apresentam evidenciados diferentes padrões estruturais e linguísticos, assim como diferentes interpretações de elementos contextuais acionadas por diferentes *backgrounds* culturais, que podem ser utilizados como fonte de consulta por estudiosos da área e, até mesmo, em situações pedagógicas, por professores ou estudantes.

A autora e pesquisadora House (1996: 6) argumenta que a consciência intercultural faz parte da competência comunicativa e defende uma abordagem que coloque em evidência fenômenos linguísticos culturais que, em sua forma e função, chamem atenção para a relação entre peculiaridades culturais e determinados usos linguísticos, considerando importante o trabalho com dados e *corpus* linguísticos, nos quais essas relações possam ser confrontadas e diferentes estruturas e padrões linguísticos possam ser evidenciados.

⁶² experimente

Desse modo, salientamos mais uma vez que esta pesquisa pode contribuir com dados que explicitam a influência de diferentes atitudes, usos e valores na forma, não só como o discurso é construído por membros de culturas diferentes, mas também como é interpretado pelos mesmos. Este estudo também evidenciou que houve tendências diferentes nas interpretações dos textos multimodais, de acordo com as vivências culturais de cada grupo, cabendo ressaltar que, embora tenha sido dada ênfase às percepções “*group related*”, aspectos individuais nas respostas dos participantes da pesquisa também foram considerados.

Uma das implicações da competência intercultural consiste em tornar clara para os aprendizes a relatividade que permeia todo encontro linguístico-cultural. Em outras palavras, eles devem estar atentos ao fato de que “nunca podem partir do princípio de que os outros os compreendem e que eles compreendam os outros” (House, 1996:15). Tal pressuposto de compreensão mútua *a priori* pode levar a graves problemas não só em situações de interação, mas também nas relações interpessoais. Assim sendo, o uso de materiais que apresentem uma discussão sobre tais diferenças e despertem a consciência crítica dos aprendizes mostra-se como uma das mais eficazes possibilidades para o desenvolvimento da competência comunicativa/ intercultural, acentuando a importância não somente dos conhecimentos sobre diferenças culturais, mas também do conhecimento sobre a implicação dessas diferenças para a interação na língua / cultura-alvo.

É importante também chamarmos atenção para o fato de que, mais do que desenvolver nos aprendizes determinados conhecimentos sobre diferentes culturas, tais materiais podem contribuir com o desenvolvimento nos alunos de habilidades como comparar, interpretar e relacionar especificidades que podem emergir em diferentes contextos de interação e encontros interculturais, estando conscientes de que diferentes crenças, valores e atitudes têm papel fundamental na produção e interpretação da linguagem.

Também cabe ressaltar que, nessa perspectiva, o professor não precisa ser um *expert* na língua-alvo: basta alimentar o espírito investigativo dos aprendizes, incentivando-os a observarem cada enunciado com atenção, a questionarem(-se) e estabelecerem comparações, verificando os pontos em comum e os peculiares.

O confronto de aprendizes com textos na língua alvo e, no caso desta pesquisa, com as interpretações de membros de culturas diferentes, possibilita que não só o caráter polissêmico do texto seja evidenciado, como também faz com que

os mesmos conheçam outras concepções, o que contribui para um entendimento mais amplo de certos fenômenos.

De acordo com Ferreira e Dias (2004: 4), quanto mais expostos a situações e textos que tragam diferentes contextos culturais, mais aprimorada torna-se a elaboração de inferências por parte dos aprendizes. Essa seria, então, mais uma aplicação deste trabalho: evidenciar quais diferenças culturais podem ser observadas a partir da análise de diferentes interpretações para um “mesmo” texto. Além disso, este pode ser um rico material para o desenvolvimento de habilidades interculturais em aprendizes de línguas / culturas estrangeiras, tais como comparar, ampliar suas perspectivas, desenvolver sua consciência crítica, entre outras habilidades.

Finalmente, não podemos deixar de abordar, em se tratando das implicações do presente estudo para o ensino de PLE e ALE, as diretrizes e pressupostos destacados no QECRL (Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas). O texto do QECRL recomenda a exposição de aprendizes a materiais que abordem a diversidade cultural como uma experiência enriquecedora e capaz de ampliar significados, conhecimentos e visões de mundo. Destaca também a importância de os aprendizes conhecerem a sociedade e cultura da comunidade na qual a língua é falada, incluindo aí a vida cotidiana, as relações interpessoais, as crenças, atitudes e valores, as convenções sociais e os comportamentos rituais. Ainda segundo os pressupostos estabelecidos no documento, os aspectos não especificamente linguísticos, como os pragmáticos e socioculturais, devem ser abordados em sala de aula de língua estrangeira, principalmente, a partir da seleção de textos que ilustrem novas questões e novas áreas de conhecimento e/ ou a partir do contato direto dos aprendizes com textos autênticos e falantes da língua/ cultura-alvo, ressaltando que esses textos devem exemplificar “os contrastes sociolinguísticos culturais entre a sociedade de origem e a sociedade-alvo” (Ibid: 214). Podemos, então, afirmar que o presente trabalho se inclui nessa vertente e pode servir de instrumento de consulta, pesquisa e uso efetivo em situações tanto de ensino e aprendizagem nos campos de ALE e PLE, como também pode servir de base ou consulta para novas pesquisas na área.